

# Mailson fica e vai à luta contra os preços

Em meio a boatos que circularam ontem nas principais praças do País de que se iria demitir, o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, anunciou que na próxima semana vai iniciar os encontros com as principais lideranças empresariais, para quebrar as expectativas de hiperinflação. Mailson e o ministro João Batista de Abreu (Planejamento) pretendem discutir maneiras de diminuir o ritmo dos aumentos de preços. O ministro da Fazenda reafirmou que as tarifas públicas terão seus preços realinhados em velocidade menor e que não haverá novo choque. "Um congelamento de preços agora seria o início do fim do governo."

Na primeira entrevista após voltar dos EUA, Mailson não poupou palavras — de "besteira" a "irresponsabilidade" — para classificar um eventual novo choque. Disse que o País vive um momento em que não há margem para mudanças na economia, mas apenas para a adoção de medidas administrativas. "Vamos preparar o terreno para o próximo governo realizar um grande ajuste da economia."

Os encontros com os empresários e o ritmo menor de reajustes das tarifas das empresas estatais terão como principal medida auxiliar a manutenção da rígida

política monetária. As taxas de juros reais (acima da inflação) continuarão altas, informou o ministro. Os reajustes diários do dólar e do BTN fiscal também continuarão acompanhando a inflação. Desta forma, o governo espera incentivar as aplicações financeiras em vez do consumo e não permitir a formação de estoques especulativos.

As reuniões com os empresários serão realizadas no âmbito das câmaras setoriais do Conselho Interministerial de Preços (CIP). Mailson afirmou que isto facilitará a adoção de qualquer ação ou medida. Em julho, o governo realizou uma rodada de encontros contra a hiperinflação, mas de maneira informal, sem o embasamento de um órgão técnico como a câmara setorial — grupo que reúne especialistas do CIP e representantes dos diferentes setores da atividade econômica.

O ministro da Fazenda revelou que as primeiras reuniões serão realizadas com setores sobre os quais o governo não tem poder de controle de preços ou que este é muito falho. Hoje, a Secretaria Especial de Administração de Preços (Seap) divulgará a relação dos primeiros encontros. Mailson descartou medidas como redutores de preços e espaçamento maior dos reajustes.

## Vem aí mais um índice oficial

De tempos em tempos, ou a cada pacote, a economia brasileira, fustigada pela inflação, produz novos índices. Isso deverá acontecer mais uma vez, agora, com a criação da Unidade de Reajuste do Orçamento, a URO. Pela proposta em discussão na Secretaria do Planejamento, este novo índice, destinado basicamente a corrigir os valores das verbas incluídas no Orçamento da União para os ministérios e demais órgãos públi-

cos, terá uma variação mensal correspondente a 90% do Índice de Preços ao Consumidor (IPC).

O surgimento deste índice, segundo os técnicos do Planejamento, livrará o governo da penosa atribuição burocrática de ter que encaminhar numerosas propostas de suplementação orçamentária ao Congresso Nacional, indispensáveis para reajustar os valores das verbas destinadas aos ministérios.



Mailson: novo choque seria uma "besteira".

## Empresários aceitam negociar

Os empresários paulistas estão dispostos a discutir com o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, como evitar a hiperinflação. Embora o próprio governo esteja consciente de que as soluções para a inflação passam por um programa muito mais consistente do que conversas de ministros para convencer empresários a conter reajustes de preços, "uma nova rodada de encontros pode criar efeitos psicológicos positivos", afirmou ontem o presidente da Rhodia, Édson Vaz Musa.

"Há possibilidade de manter a inflação no atual patamar, ainda que ele seja desagradável", disse Musa. E lembrou que as empresas, ao tentarem se antecipar a uma hiper, podem provocá-la. O que seria "uma calamidade".

Horácio Lafer Piva, diretor da Klabin, também apóia a retomada das conversações. Para ele, alguns setores estão exagerando nos

preços, praticando correções mensais bem acima do índice inflacionário. Mas o ministro, segundo propõe, deve garantir aos empresários que o governo não perdeu nem perderá o controle da situação.

A Federação das Indústrias também concorda com a proposta, segundo Roberto Nicolau Jena, diretor do Departamento de Economia da Fiesp, desde que não haja a imposição de um redutor de preços, sem uma discussão.

O banqueiro e presidente da tausa, Olavo Setúbal, não acredita em hiperinflação durante o governo Sarney, porque "a indexação é um seguro contra ela". Setúbal garante que "embora tenha medo desse incêndio, o governo em condições de evitá-lo".

Num ponto, todos concordam: hipótese de choque deve ser afastada.

## Uma proposta para mudar o perfil da dívida interna. Veja a reação do ministro.

O ministro Mailson da Nóbrega criticou duramente ontem, em Brasília, as sugestões dos deputados César Maia (PDT-RJ) e José Serra (PSDB-SP) de que seja feita uma reestruturação do perfil da dívida interna, com prazos mais longos para os títulos do governo, através de uma negociação com o próprio mercado financeiro.

A posição do ministro da Fazenda causou surpresa, uma vez que foi o próprio governo quem deu destaque às idéias de Maia e Serra. Na última sexta-feira, o líder do governo na Câmara, deputado Luís Roberto Ponte (PMDB-RS), tomou a iniciativa de telefonar a César Maia para elogiar a proposta, feita no dia anterior, durante um debate na TV Gazeta de São Paulo do qual também participou o deputado José Serra. Ponte acabara de sair de uma reunião entre o presidente José Sarney e os ministros Batista de Abreu (Planejamento), Paulo César Ximenes (interino da Fazenda) e Ivan de Souza Mendes (SNI), na qual se debatera o agravamento da crise econômica, com

a ameaça de hiperinflação. O deputado disse a César Maia que o governo via com simpatia a proposta.

Porém, a posição de Mailson é outra. O ministro teme que uma discussão sobre o problema da dívida interna possa gerar desconfiança no mercado, com desvio do dinheiro aplicado no over para o consumo, compra de bens, ouro e dólar, num processo que poderia desencadear a hiperinflação. Sem citar nominalmente os deputados César Maia e José Serra, o ministro tomou a iniciativa de atacar publicamente as propostas. "Essas sugestões não têm a menor base técnica", disse.

César Maia e José Serra têm pontos de vista quase idênticos sobre a questão da dívida interna. Eles acham que a melhor maneira de reduzir os riscos de hiperinflação neste momento seria uma articulação com o mercado financeiro, que concordaria em refinar parte da dívida pública a longo prazo. Com isso, o governo ganharia fôlego para levar a economia sob controle até a posse do novo presidente da República.